

Quem ganha com a guerra da Bahia?

Existem razões diversas para justificar os acontecimentos de Salvador. Quase setecentos ônibus foram destruídos pela fúria popular, depois que as passagens sofreram uma vigorosa elevação. Há quem veja no conflito um erro político, a inoportunidade do aumento, erro na condução do assunto, infiltração esquerdista e algum tipo de organização que pretendeu claramente criar a convulsão.

Tudo isto pode ser verdadeiro, mas alguns fatos são concretos. Em Salvador ocorreu o maior aumento de tarifas de todo o país. Os preços das passagens aumentaram 166% ao longo do último ano. O aumento do preço não correspondeu à melhoria da qualidade do serviço. Ao contrário, é precisamente na capital da Bahia que estão localizados os piores serviços de transporte urbano do país.

A conjugação dos dois fenômenos justifica a explosão de ódios, que teve continuação nesta semana. Nos próximos dias, o preço das passagens de transporte coletivo em Belo Horizonte — que a exemplo de Salvador estão abaixo da média brasileira — poderão desaguar em novo conflito de rua. E haverá sempre quem veja no fenômeno uma ameaça presente ao processo de redemocratização que vive o país.

Alguns episódios repetem-se com monótona constância na política brasileira. E a repetição é tão evidente, tão pouco criativa que faz pensar. Afinal de contas, o governo do presidente Costa e Silva instalou-se sob a égide da Constituição de 1967, que lhe concedia aspecto de regime liberal institucionalizado. Aquele governo seguiu assim até dezembro de 1968, quando o Ato Institucional nº 5 acabou com a pretendida liberalização e instalou o terror oficializado.

O segundo semestre de 1968 mostrou agitações de rua, movimentos estudantis e sindicais que trouxeram desassossego aos militares ao ponto de os tanques, certo dia, tomarem de assalto as principais ruas do Rio de Janeiro. Na época os estudantes protestavam contra os acordos MEC-USAID mas a economia começava a sair da recessão provocada a época pelo ministro Roberto Campos. Havia emprego e a inflação tinha dois dígitos discretos. Os problemas da época tinham uma leitura basicamente político-partidária.

Ainda não foi escrita a história de 1968. De 1964 contudo, já existem depoimentos que trazem a luz da compreensão fatos novos. Mais que isso é relevante lembrar que a história do Brasil está permeada de documentos falsos que tiveram notáveis consequências políticas. A carta Brandi ou o plano Cohen são dois exemplos perfeitos e acabados. Nenhum dos dois era verdadeiro mas ambos geraram consequências políticas.

Nos movimentos de 1964 houve infiltração, essa palavra tão lembrada, como se fosse possível criar organismos políticos impermeáveis. Houve infiltração, de direita e de esquerda. A de esquerda terminou nos porões da repressão, mas da direita se tem poucas notícias. Vale lembrar, por exemplo, o Cabo Anselmo, proeminente figura nas sublevações de marinheiros, que tempos depois descobriu-se pertencendo ao outro lado.

Por esta razão cabe a pergunta. A quem interessa que os baianos destruam setecentos ônibus utilizados nos transportes deles próprios? Algumas respostas serão muito óbvias: por exemplo — a quem é contra o processo de distensão e pretende através de movimentos de rua obstruir o desenvolvimento daquela idéia. Além disto existem as infiltrações.

Muita gente pode ganhar com a reposição dos ônibus destruídos no conflito de Salvador. Muita gente pode ganhar com a escalada do conflito social, provocado pela inflação de três dígitos gritantes. A população daquela cidade, contudo, tem muito a perder, sobretudo porque tornou-se mais difícil andar de ônibus em Salvador, porque há escassez de transportes coletivos. Além disto, existe, sem dúvida, um estado necessidade evidente, agravado pelo desemprego assustador.

Neste momento em que as dificuldades econômico-sociais pesam sobre a abertura política e a pretendida institucionalização do regime, as convulsões sociais surgem como consequência natural do estado de coisas, mas reforçam a linha de procedimento dos autoritários. Não há dúvida que é justo, legítimo e até razoável protestar contra a elevação de preços em 166% em apenas um ano. Este aliás é o motivo maior para a convulsão de Salvador.

O problema está na utilização política que o fenômeno permite. A explosão natural de ódios não exclui, a percepção de que em torno daquilo que é razoável há quem ganhe muito e possa até provocar, como são ricos os exemplos de nossa história, situações ou documentos absolutamente falsos.

André Gustavo Stumpf